

DA AURORA AO OCASO DE BERKELEY: CONTEXTO, DISCORDÂNCIAS E NOVAS TRAJETÓRIAS DA GEOGRAFIA CULTURAL

Leonardo Luiz Silveira da SILVA¹

Larissa Santos Rocha da SILVA²

RESUMO

O artigo aborda a trajetória da relevante escola de Berkeley que teve no nome Carl Sauer o seu expoente. Marcada pelos estudos culturais e paisagísticos, a tradicional escola viu seus pressupostos serem questionados a partir de rupturas paradigmáticas que se desenvolveram no período entre 1960-1980. O artigo objetiva apresentar o contexto destas rupturas e seus desdobramentos, concluindo que a tradição saueriana foi incapaz de acomodar anseios fenomenológicos e sociais na abordagem cultural, o que se estabeleceu como força primordial para a compreensão do seu ocaso.

Palavras chave: Carl Sauer. Fenomenologia. Social.

¹ Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); especialização em Gestão de Políticas Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG); mestre em Relações Internacionais e Doutor em Geografia pela PUC-MG. Professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, campus Salinas.

² Graduação em Engenharia Florestal; mestrado em Agronomia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; graduanda em Geografia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Professora substituta do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, campus Salinas.

FROM DAWN TO THE SUNSET OF BERKELEY: CONTEXT, DISAGREEMENTS AND NEW TRAJECTORIES OF CULTURAL GEOGRAPHY

ABSTRACT

The article discusses the trajectory of the influent Berkeley school, led by Carl Sauer. This traditional school of thought, characterized by its cultural and landscape studies, had its assumptions questioned. The critics were based on paradigmatic ruptures developed between 1960-1980. The article aims to present the context of these ruptures and their consequences, concluding that the Sauerian tradition was unable to accommodate phenomenological and social concerns inside of the cultural approach. This fact was established as a primary force for understanding its decline.

Keywords: Carl Sauer. Phenomenology. Social.

1 INTRODUÇÃO

A Escola de Berkeley e o nome de Carl Sauer se misturam. A relevância de Sauer consolida-se não somente pelo seu status de *chef d'école*, mas pela sua longa e produtiva carreira. O famoso artigo *The Morphology of Landscape*³ (SAUER, 2008) repercutiu em escala global, firmando a posição de Sauer como um dos mais influentes geógrafos dentre aqueles que atuavam nos Estados Unidos no seu tempo. Entretanto, a trajetória de Carl Sauer atravessou um período marcado pela discussão de grandes questões na geografia, incluindo notáveis rupturas paradigmáticas. Neste período, a abordagem cultural na geografia foi resignificada e reorientada, afastando-se em certa medida da tradição saueriana, ainda que as críticas que recaíram sobre o modelo morfológico da paisagem elaborado por Sauer tenham sido amenizadas e até combatidas por alguns autores (em momento póstumo).

Sabe-se que a tradição saueriana deixou marcas importantes no desenvolvimento da geografia. Seus métodos inspiraram gerações e foram capazes de ser replicados mesmo por pesquisadores que não tiveram acesso diretamente às suas obras. Nota-se, de forma expressiva na geografia cultural brasileira, foco dedicado à cultura material; é nossa impressão pessoal que a nova geografia cultural, que abrigou autores pós-sauerianos, não teve a mesma representatividade no Brasil que encontrou na geografia cultura anglófona.

Este artigo visa refletir sobre o contexto e os fundamentos que sustentam um ponto de inflexão na perspectiva cultural saueriana, que durante muitas décadas foi dominante na geografia. Ademais, o artigo apresenta os diversos rumos da geografia cultural a partir do ocaso de Berkeley. Como estratégia discursiva, distribuiremos nossa argumentação na seguinte sequência:

- A relevância de Berkeley e Sauer;
- O contexto da dominância de Berkeley sobre a abordagem cultural em geografia;
- O contexto da ruptura paradigmática frente à Sauer e Berkeley;
- Os argumentos da defesa póstuma à Sauer;
- As novas trajetórias culturais na geografia pós-ocaso de Berkeley;
- Considerações finais.

³ Publicado originalmente em 1925.

A relevância deste artigo reside na identificação dos contextos que abrigam as abordagens culturais, que auxilia, por sua vez, na nossa compreensão intertextual da rica diversidade que sustenta a reflexão contemporânea acerca do binômio cultura-espaço.

2 A RELEVÂNCIA DE BERKELEY E CARL SAUER

Sauer foi um dos mais influentes e controversos geógrafos do século XX (HEWES, 1983). Carregava contradições e ambiguidades do período em que viveu, o que de fato aumenta a complexidade do seu trabalho (NAME, 2010). Sua abordagem acerca da cultura e paisagem é considerada como componente da chamada primeira fase da geografia cultural⁴, que se desenvolve conjuntamente com a disseminação da institucionalização da geografia enquanto curso acadêmico (CORRÊA, 2009). A primeira fase da geografia cultural traz elementos da tradição morfológica alemã, principalmente desenvolvida por Schutler e da tradição francesa dos gêneros de vida, desenvolvida por Vidal de La Blache.

Sauer tem o mérito próprio de dar o impulso à abordagem cultural e aos estudos da paisagem nos Estados Unidos (SILVA, 2020c), apresentando um modelo próprio de interpretação paisagística que teria ampla divulgação. É importante considerar que a própria trajetória de Sauer apresenta importantes variações, como, por exemplo, o fato deste professor ter iniciado seus estudos em geologia (KERSTEN, 1982) e estar ligado inicialmente à escola do Meio-Oeste, reduto de geógrafos inspirados em Ratzel, Semple e Huntington (DINIZ et al., 2003).

Sauer é o autor mais pesquisado na geografia-americana (DENEVAN; MATHEWSON, 2009). Em Berkeley, orientou 37 teses de doutorado (GADE, 2011), formando uma verdadeira escola sob a sua influência. Os desdobramentos da antropologia do início do século XX são notáveis em sua abordagem, ainda que possamos encontrar particularidades que são esperadas em uma carreira longa e muito produtiva.

⁴ A primeira fase da geografia cultural compreende o período de 1890 a 1940. A segunda fase, de 1940 a 1970, marca o declínio dos estudos culturais em geografia, face à ascensão da abordagem hartshorniana, em um primeiro momento, e ao florescimento da geografia teórico quantitativa, em um segundo. A terceira fase, após 1970, marca uma grande abertura da abordagem cultural na geografia, marcada pela interdisciplinaridade e pela variedade de métodos (CLAVAL, 1999; CORRÊA, 2009). Nesta última fase, há uma predominância na transcendência da materialidade da cultural, rompendo com as tradições morfológicas sauerianas.

Entre outras associações, o pensamento de Sauer é ligado à abordagem historicista⁵, que se apresenta como uma ruptura frente ao caráter pragmático do positivismo reinante do século XIX (SPETH, 2011). Em consonância a este fato, se opôs ao excesso de quantitativismo na abordagem geográfica (MAY, 2011). A subjetividade na análise do homem e do meio é considerada em sua abordagem, em oposição ao determinismo ambiental radical (SASAKI, 2010, p. 116). Martin S. Kenzer (1985), que dedicou parte importante de sua vida acadêmica aos estudos do legado de Sauer, acredita que o autor alvo de suas investigações contribuiu mais para o nosso interesse acerca dos estudos da paisagem do que qualquer outro geógrafo.

Apesar de ser marcado pela abordagem historicista, Sauer é criticado por não levar em conta questões sociológicas como classe econômica e diferenças entre sexo, mesmo quando a sua abordagem conduz o leitor a refletir sobre estas questões. Para Richard Peet, é como se “Sauer começasse a investigar estas questões, chegasse ao abismo das relações sociais e, rapidamente, se afastasse de sua beira” (PEET, 2011, p.195). Além disso, Sauer não explora as questões identitárias, tratando a cultura (de forma reificada) como uma importante variável da formação paisagística. Frente às abordagens que o antecederam, os escritos de Sauer são considerados mais avançados do ponto de vista interpretativo (STRACHULSKI, 2015), o que representa um avanço na mera descrição das formas paisagísticas, ainda que a sua forma de interpretar tenha recebido críticas crescentes e muito bem fundamentadas na segunda metade do século XX. Alan R. H. Baker (1979) faz uma descrição crítica da geografia histórica praticada na virada das décadas de 1970-1980 que acabam sendo uma síntese das objeções à abordagem de Sauer em *A Morfologia da Paisagem*:

Parte expressiva da geografia histórica tem focado em como as paisagens são transformadas pelo homem mais do que no homem como um agente da transformação da paisagem, no levantamento dos artefatos mais do que nas ideias, nas ações mais do que nas atitudes, nas formas externas mais do que nos processos internos (BAKER, 1979, p. 561).

A obra que sintetiza a força da influência de Carl Sauer é o seu artigo intitulado *The Morphology of Landscape*, tido como um trabalho que enfrentou o determinismo ambiental do seu tempo (DINIZ, et.al., 2003), debate que já estava posto na antropologia. Neste trabalho, publicado

⁵ Mikesell (1978) salienta que a orientação historicista dos geógrafos culturais é tão marcante ao ponto de ser difícil de estabelecer uma clara distinção entre a geografia cultural e a geografia histórica, ou mesmo destes dois campos frente à história. Esta foi sua percepção revelada no final da década de 1970.

em 1925, Sauer afirma que a paisagem tem uma identidade que é baseada em sua constituição reconhecível, limites e relação genérica com outras paisagens, que constituem um sistema geral. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes. Dito isso, a paisagem é considerada, em algum sentido, como portadora de uma qualidade orgânica (SAUER, 2008). Esta acepção evidencia, sobretudo no que diz respeito à suposta constituição reconhecível da paisagem, a sua abordagem reificada. A metodologia de Sauer tem influência das obras do alemão Otto Schlüter (1872-1959), cujos estudos sobre a paisagem contribuíram para o pensamento dos discípulos de Sauer e da Escola de Berkeley (SEEMANN, 2004). No método de Sauer, o estudo da paisagem é dedicado à abordagem das formas visíveis, sendo o olhar aquilo que define o que será selecionado e incluso (COSGROVE, 1985).

No seu modelo morfológico, Sauer considera possível entender a paisagem natural e a paisagem cultural como dois fenômenos descritíveis (Figuras 1 e 2). Todavia, é notável o fato de que em sua abordagem a paisagem natural estaria contida na paisagem cultural (Figura 2), sendo um dos componentes para a sua produção. Isto permitiu a edificação do seu famoso axioma: “A cultura é o agente, a área natural é o meio e a paisagem cultural o resultado” (SAUER, 2008, p. 103).

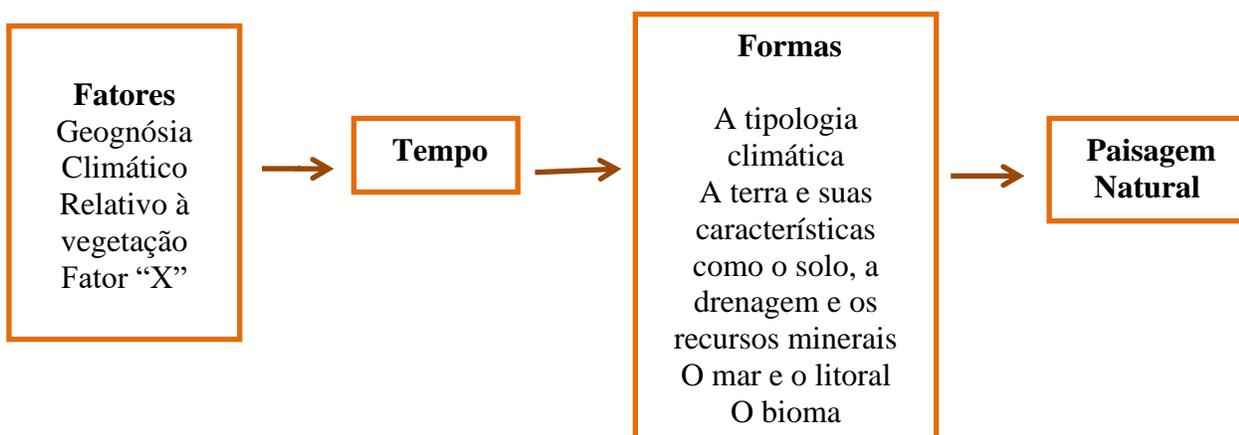


Figura 1: A gênese da paisagem natural segundo Carl Sauer

Fonte: adaptado de SAUER, 2008.

A paisagem natural seria formada pela presença de fatores tais como a geognóssia⁶, o climático, a vegetação e o chamado fator X. Este último seria na verdade um aglutinado de fatores

⁶ Termo que caiu em desuso e que representava parte importante do campo de estudo da Geologia.

que se apresenta intangível e representa as diversas conexões entre as formas. É interessante perceber que a busca por modelos aparenta ser uma reminiscência positivista, enquanto que a presença da incerteza, materializada na variável “fator X”, já demonstra ser um incômodo em relação ao pragmatismo positivista⁷ (SILVA, 2020c).

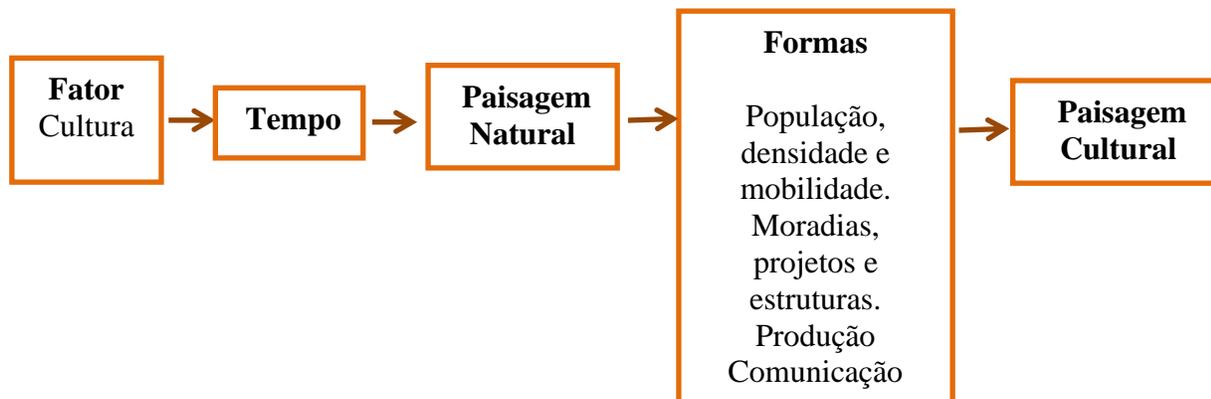


Figura 2: A gênese da paisagem cultural segundo Carl Sauer

Fonte: adaptado de SAUER, 2008.

A influência desse modelo percorreu o século XX, trazendo repercussões para o pensamento da paisagem e da cultura. Em 1931, seis anos após a publicação da *Morfologia da Paisagem*, Patrick Walter Bryan, em sua publicação, repete o receituário de Sauer separando a paisagem natural da paisagem cultural e estabelecendo uma visão objetiva da categoria: “a atividade humana, que se desenvolve com o intento de satisfazer os desejos do homem, adapta e modifica a natureza, deste modo transformando a paisagem natural, sendo a expressão objetiva deste processo de adaptação a paisagem cultural” (BRYAN, 1931, p. 273). Mostrou pelo seu

⁷ Kong (1997) salienta que muitos dos críticos de Sauer que publicaram na segunda metade do século XX fazem uma análise injusta ao *chef d'école* de Berkeley. Para o seu tempo, Sauer representou uma inflexão paradigmática ao questionar os determinismos ambientais. Desconsiderando estas virtudes, é possível encontrar críticas que colocam Sauer na posição de um determinista cultural, o que se trata de uma simplificação do seu legado. Nesse sentido, ignorar a relevância de Sauer sob os auspícios descomedidos da crítica cultural é ignorar o próprio percurso pelo qual a ciência traça em seu inexorável caminho rumo ao desenvolvimento teórico e técnico. Diminuir o legado de Sauer é também negligenciar a própria história do pensamento geográfico, com suas nuances, idas e vindas. Em outras palavras, a abordagem de Sauer foi necessária para que outros pesquisadores propusessem posteriormente aperfeiçoamentos na abordagem cultural.

trabalho a influência das metáforas orgânicas, chamando o conjunto dos objetos materiais da paisagem de anatomia e os fluxos existentes entre esses objetos de fisiologia.

Vinte e sete anos depois dessa publicação, Bryan (1958) mostrou que sua noção de paisagem permanecia com a visão objetiva e materialista. Buscou apresentar, assim como Sauer fez, um modelo com cinco fatores que interferem no caráter da paisagem cultural. O percurso de Bryan é um dos inúmeros exemplos de como a influência de Carl Sauer percorreu os tempos, assim como não podemos alijar o *zeitgeist* acadêmico da primeira metade do século XX sobre as mentes dos pesquisadores.

3 O CONTEXTO DA DOMINÂNCIA DE BERKELEY SOBRE A ABORDAGEM CULTURAL EM GEOGRAFIA

A atuação de Sauer e da Escola de Berkeley se desenvolveram entre as décadas de 1920 e 1970, espalhando seu legado para além do seu tempo e espaço e experimentando o escrutínio de movimentos e inflexões do pensamento do seu período. No início do século XX, a força das tradições geográficas francesa e alemã se mostrava presente (BERDOULAY, 2017), bem como o embate entre as abordagens nomotética e idiográfica⁸, que ilustrava discordâncias quanto aos objetivos da própria geografia. A velha discussão sobre o caráter científico da geografia acompanhou paralela e transversalmente a evolução do pensamento saueriano, que ainda assistiu a abordagem regional de Richard Hartshorne⁹ (1978) problematizar a materialidade e a imaterialidade dos fenômenos espaciais e requestrar o debate nomotético-idiográfico.

A geografia cultural, no início da trajetória acadêmica de Sauer, recebia influências tanto dos grandes trabalhos de antropologia da época bem como das tradições advindas de Vidal de La Blache e seu conceito de gênero de vida. A antropologia passava por grandes transformações, que

⁸ A abordagem nomotética é a que busca a elaboração de teorias e leis; já a abordagem idiográfica é a descrição particularista despreocupada com a formulação de padrões que endossem leis.

⁹ Originalmente disseminada no final da década de 1930. Defendia, dentre outras questões, a ideia de que as regiões são construções arbitrárias, sujeitas à imaginação do geógrafo que as elabora. Para além das reflexões regionais, Hartshorne trava ainda um debate envolvendo a abordagem nomotética e idiográfica na geografia que marcou época. As proposições de Hartshorne são em alguma medida apropriações das sugestões de Alfred Hettner, que trabalhou com os tensionamentos envolvendo os métodos nomotético e ideográfico.

canalizavam sua energia na superação da tradição evolucionista oitocentista. A geografia cultural pós-lablachiana desenvolveu-se de forma idiográfica, tratando a cultura de forma reificada, como uma entidade tangível capaz de amparar indivíduos de comportamentos homogêneos. Um dos exemplos é o artigo *The Maritime and Rural life of Norway*, escrito por Camille Vallaux (1924) no ano em que Carl Sauer desenvolvia *A Morfologia da Paisagem*. Em um trecho do artigo, Vallaux descreve:

O solo duro e inclemente da Noruega suporta uma pequena população – apenas dois milhões e meio de habitantes em cento e vinte cinco mil milhas quadradas. E não é surpresa: lá o homem possui três inimigos - a rocha estéril, a elevada altitude e latitude. Mas o povo é robusto, notável pela tenacidade, paciência e coesão (VALLAUX, 1924, p. 508).

A idiografia, contudo, começou a ser questionada. Após a Segunda Guerra Mundial, um crescente movimento a favor da legitimidade científica da geografia se instaurou (GUELKE, 1971; SMITH, 1979; HARVEY, 1986; JOHNSTON, 1986; CAPEL, 2013), similar aos apelos ocorridos no ato de institucionalização acadêmica em meados do século XIX. A guinada neopositivista na geografia no período em questão se deu, *inter alia*, pela insatisfação com as formas idiográficas de abordagem, vistas como não científicas (BURTON, 1963). Diferentemente das intenções oitocentistas, a nova guinada positivista já havia consolidado a demonização ideográfica. Ademais, o acesso aos primórdios da computação, que permitia o armazenamento e o processamento de dados quantitativos, inspirou o uso extensivo da estatística. O caráter nomotético da geografia mostrou-se tão forte no período pós-guerra que o prestigioso periódico *Geographical Review* passou a publicar trabalhos de profissionais oriundos de departamentos ligados às ciências exatas, como o artigo do físico John Q. Stewart (1947) intitulado *Empirical Mathematical Rules concerning the Distribution and Equilibrium of Population*¹⁰. No início dos anos 1950, o artigo *Exceptionalism in geography: a Methodological Examination*, de Fred K. Schaefer (1953) tem ampla divulgação e aceitação, passando a se constituir como o símbolo de um novo *zeitgeist* arrebatador.

¹⁰ Mesmo no auge do quantitativismo na geografia, na década de 1950, vozes destoantes apresentaram-se, como William L. Garrison: “o que estes matemáticos têm a dizer não se aplicam a nós porque a geografia não é mencionada” (GARRISON, 1956, p. 5). Esta frase de Garrison se encaixa em uma avaliação contrária ao uso excessivo de estatística na pesquisa geográfica.

A dominância nomotética era tamanha que obras hoje tidas como referências no humanismo geográfico permaneceram no limbo acadêmico durante a hegemonia da chamada nova geografia ou geografia quantitativa. Encaixam-se como exemplos *Terrae Incognitae: O lugar da imaginação na Geografia*¹¹ de John K. Wright (2014) e *O homem e a Terra*¹² de Eric Dardel (2011). Entretanto, foram os grandes movimentos intelectuais dos anos 1960 e 1970 aqueles que desenvolveram bases críticas à tradição saueriana e à escola de Berkeley, diversificando a abordagem cultural em geografia.

4 O CONTEXTO DA RUPTURA PARADIGMÁTICA FRENTE À SAUER E BERKELEY

O ocaso do modelo saueriano de interpretação da paisagem e da abordagem cultural ocorreu quase concomitantemente ao movimento conhecido como “virada cultural”. Enquanto fenômeno intelectual, a virada cultural espalhou nos anos 1960 e 1970 sua influência em inúmeras áreas do conhecimento, produzindo um rearranjo não somente na geografia cultural¹³, mas amplamente na geografia humana. Lawrence Grossberg, no final da década de 1980 salientou que os estudos culturais tinham assumido o protagonismo na vida intelectual e acadêmica dos Estados Unidos, fazendo com que não mais se tolerasse o fato dos estudos culturais serem considerados como abordagens marginais (GROSSBERG, 1989).

William Norton (1987) considera que até 1970, no âmbito da geografia, o conceito de cultura não havia sido passado por um sério escrutínio. Esta situação levou a geografia cultural a utilizar conceituações que traziam uma ideia tradicional da cultura, que prevaleceu no século XIX e pautava pela sua reificação. O ataque a esta tradição, mais incisivo a partir dos anos 1970, também representou um ataque aos paradigmas da escola de Berkeley e ao legado de Sauer. As reações ao neopositivismo dos anos 1950 e 1960 precipitaram inaugurações epistemológicas que possibilitaram o amadurecimento do debate cultural no seio da geografia.

¹¹ Publicado originalmente em 1947.

¹² Publicado originalmente em 1952.

¹³ A geografia cultural, apesar da grande influência da escola de Berkeley, já era, no contexto da virada cultural, uma corrente que abrigava um grupo muito distinto de geógrafos (MIKESELL, 1978).

A abordagem da escola de Berkeley foi criticada pelo enfoque na cultura estritamente material. O rápido processo de urbanização e a intensificação do processo de globalização teriam colocado em xeque alguns dos pressupostos lablachianos (JACKSON, 1980; OAKES, 1997; AMORIM FILHO, 2008), que foram questionados, sobretudo, pelo pós-estruturalismo e pela pós-modernidade. Sivignon (2002) prefere especificar ao dizer que em nossas sociedades industrializadas e urbanizadas, as características culturais interveem pouco nas técnicas de produção, sendo esta a razão para a inadaptação da noção lablachiana de gênero de vida. Em uma crítica centrada na inadequação do modelo saueriano na contemporaneidade, Cosgrove e Jackson afirmaram que “inevitavelmente as paisagens e regiões são identificadas como um produto de uma sociedade predominantemente agrícola, estável e pré-moderna cujas marcas são ameaçadas pelo processo de modernização¹⁴” (COSGROVE; JACKSON, 1987, p. 96). Ou seja, o modelo de Sauer estaria caduco devido ao grau de interdependência socioeconômica que ditaria a aceleração do intercâmbio cultural a níveis sem precedentes. A abordagem de Sauer é tida por alguns como conservadora e fortemente interessada à investigação do modo de vida rural (MUIR, 1998), o que ajuda a explicar a crescente oposição aos seus fundamentos à medida que o mundo se urbaniza.

Nos trabalhos de Sauer é destacada a influência da ideia do superorgânico, que surgiu na antropologia e foi trazida por Alfred Kroeber (1917) no início do século XX. Apesar desta ideia ter sido bastante criticada e de certa forma negligenciada na antropologia, permanecendo por um longo tempo sendo utilizada livre de grandes problematizações no interior da geografia (DUNCAN, 1980¹⁵). O texto de James Duncan (1980) *The superorganic in american cultural geography* tornou-se um ícone do ataque à tradição saueriana, tendo ampla divulgação no mundo anglófono.

¹⁴ Se a intenção de Cosgrove e Jackson (1987) é evidenciar a crise das paisagens/regiões vernaculares por meio do processo de modernização, precisamos antes admitir que as forças modernizantes não tornam o espaço igual, tanto do ponto de vista econômico e produtivo (SANTOS, 2012) quanto do ponto de vista cultural (HALL, 2013). Talvez os dois baluartes da geografia cultural tenham se referido à crise do autóctone e do puramente vernacular (se é que podemos considerar que este um dia existiu). Esta crise precisa ser entendida na dimensão trazida por Rogério Haesbaert (2010), que aponta as regiões como condicionadas e condicionantes do processo de globalização. Cosgrove e Jackson (1987) fundamentam uma ideia substitutiva para a cultura em que a mesma poderia ser aniquilada e, no seu lugar, outra forma mais moderna e triunfante pudesse ocupar o seu nicho. A argumentação de Cosgrove e Jackson (1987) coincide com a de tantos outros que trazem a abordagem ontológica da cultura e o vício de sua reificação, elementos que substanciaram o icônico artigo de Mitchell (1995), intitulado “There’s No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography.”

¹⁵ David Ley (1981) celebrou a importância do texto de Duncan (1980), afirmando que o mesmo “desenvolveu um detalhado argumento que atingiu em cheio o coração da tradição saueriana, definindo que o seu conceito de cultura é teórica e filosoficamente não sofisticado” (LEY, 1981, p. 250).

Destaca-se na crítica de Duncan a excessiva abordagem sauriana voltada para a cultura material¹⁶ e para a reificação cultural, que, após a virada cultural, passaram a ser fortemente contestadas. O trabalho de Sauer intitulado *The personality of Mexico* é uma marca do tratamento reificado dado à cultura (SILVA, 2020c), como se vê no trecho:

A velha linha entre o sul civilizado e a Chichimeca tornou-se menos nítida, mas ainda existe. Nesta antítese, que em alguns tempos significava conflito e noutros a complementariedade de qualidades, repousa a força e a fraqueza, a tensão e a harmonia que construíram a personalidade do México (SAUER, 1941, p. 364).

A abordagem saueriana reificava a cultura e a paisagem: “a paisagem cultural é sujeita a se modificar pelo desenvolvimento de uma cultura ou pela sua substituição” (SAUER, 2008, p.100). Esta entificação da cultura, vista como um corpo físico que se substitui e ocupa porção tangível do espaço, é descompassada frente aos modernos estudos culturais, tanto no que tange à produção/reprodução cultural¹⁷ quanto às heranças dos intercâmbios interculturais¹⁸.

Apesar de propor a separação entre paisagem natural e a paisagem cultural, Sauer acredita que o sentido da paisagem é encontrado nos atributos físicos de uma área que são significativos para o homem e nas expressões antrópicas de uma dada área (SAUER, 2008). Estabelece assim um sentido utilitário da paisagem natural, que acaba sendo vista não puramente como natureza intocável, mas como área de reserva para atender aos desígnios futuros da humanidade. A partir de um viés ecológico em uma abordagem sistêmica e utilitarista, a paisagem natural poderia ser entendida como um espaço fundamental para garantir o equilíbrio e o bem-estar da vida nos ecúmenos.

Nesse contexto, chama a atenção na obra *A Morfologia da paisagem* a utilização da expressão “a perspectiva fenomenológica da ciência”. O significado da palavra “fenomenológica” utilizada por Sauer precisa ser entendida dentro do contexto de sua obra. Não é o sentido da fenomenologia trazida por Husserl e Heidegger, sendo mais indicado “tratar o significado da raiz

¹⁶ Mikesell (1978) considera que até o ano de 1978, os geógrafos culturais demonstravam maior foco no estudo e levantamento da cultura material, sintetizada nos artefatos, arquitetura e toda sorte de evidências ligados ao registro do trabalho humano.

¹⁷ Lembramos a pedagógica abordagem de Stuart Hall (2013) quando assevera que a cultura se transforma a partir de processos caracterizados como “reciprocidade-sem-começo” e “repetição-com-diferença”.

¹⁸ Neste caso, lembramos Saïd (2011) que nos instrui a perceber que elementos das paisagens colonizadas estão presentes nas paisagens colonizadoras e vice-versa. Tal esclarecimento estabelece a essência da aculturação: uma via de mão dupla que evidencia a natureza híbrida, permeável e dinâmica da cultura.

desse termo simplesmente como fenômenos experienciados ou aparências” (PENN; LUKERMANN, 2011, p. 140). Esta discussão é importante para a compreensão de que, no contexto saueriano, a interpretação da paisagem não é amplamente intersubjetiva, e, por isso mesmo, acaba sendo criticada pelas perspectivas fenomenológicas desenvolvidas a partir da virada cultural, como a geografia humanista.

5 OS ARGUMENTOS DA DEFESA PÓSTUMA À SAUER

Sauer faleceu no ano de 1975, cinco anos antes da publicação de Duncan (1980) que é tida como uma obra importante do rompimento dos estudos culturais com a tradição de Berkeley. Todavia, Sauer pode assistir as profundas mudanças intelectuais e as novas correntes que serviam como crítica e alternativa ao neopositivismo. Não somente a virada cultural, mas também outras rupturas, como a virada linguística, substanciaram a formulação de novos paradigmas para as abordagens culturais. Para Gill Valentine, a virada cultural foi positiva para a geografia, permitindo que “novas teorias críticas pudessem emergir, abrindo espaço para a abordagem de tópicos que eram considerados fora do escopo da abordagem geográfica” (VALENTINE, 2001, p. 167) e, ainda “ofereceu novas perspectivas para os problemas explorados pelos geógrafos culturais durante a primeira metade do século XX” (CLAVAL, 2001, p. 129). Como uma onda avassaladora que chegou nos anos 1970 no ambiente acadêmico americano e britânico, tornou-se fato consensual que a cultura é um fator-chave para o entendimento do arranjo econômico, político e social. Como alvo da investigação cultural consolidou-se as temáticas acerca dos significados (com forte influência pós-estruturalista) e das identidades.

Nos anos 1980, consolida-se a nova geografia cultural. É impossível desvincular este rótulo das influências da virada cultural, que, como vimos, possui viés interdisciplinar. A *grosso modo*, enquanto a virada cultural ficou bem marcada pelo foco nas identidades, a nova geografia cultural, por sua vez, focou-se no social e nas relações de poder¹⁹ (CORRÊA; ROSENDAHL, 2011), ainda

¹⁹ Para Gregson (1992), é impossível para a geografia social e para a nova geografia cultural permanecerem como portadoras de identidades distintas. Em suas palavras: “A crescente concordância entre a geografia social e a nova geografia cultural refletem como as ideias de uma tem influenciado e transformado a outra, e ainda, ao mesmo tempo, serve para criar uma situação na qual é impossível ver onde uma termina e a outra começa (GREGSON, 1992, p. 391).

que seja possível identificar diversidade dentro da abordagem. James Morris Blaut (1980), por exemplo, vincula à abordagem cultural com a abordagem política e social, entendendo que pertencem a um todo indissociável.

Os discursos reativos à tradição de Berkeley não apresentam perspectivas consensuais. Correntes ligadas à fenomenologia, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo são criticados por aqueles que acreditam que, assim como na abordagem de Sauer, apresentam uma perspectiva socialmente estéril, que não leva em conta as relações de poder. Já a geografia crítica é atacada por centrar-se demasiadamente na materialidade e ignorar a dialética trajetiva entre mente e matéria (COSGROVE, 1983; BERQUE, 2012; BERQUE, 2017; SILVA, 2020a; SILVA, 2020b), que também é um ponto de crítica que recai sobre a tradição saueriana.

Apesar da virada cultural se constituir como um fértil ambiente para as críticas a Sauer e Berkeley, existiram aqueles que se empenharam para defender o legado saueriano daquilo que consideravam como críticas injustas. A crítica quanto à influência de Kroeber no pensamento de Sauer é relativizada por Martin S. Kenzer (1985), dedicado pesquisador do legado saueriano. Kenzer afirma que faz mais sentido pensar na influência do *zeitgeist* acadêmico do que propriamente na influência de Kroeber sobre Sauer. Somente no ano de 1923, alguns meses antes da escrita de *A Morfologia da Paisagem*, Sauer mudou-se para Berkeley. Sua mudança, em suas próprias palavras, buscava um ambiente mais libertário e menos condicionado de se pensar a geografia do que se encontrava em Michigan (SAUER, 1974). Em um resgate da “paisagem intelectual de Carl Sauer”, Kenzer (1985) destaca que faz muito mais sentido pensar na influência deixada pelo pai e tio de Sauer do que no departamento de Antropologia de Berkeley (que abrigava Kroeber dentre outros profissionais), ainda que esta influência certamente deva participar, conjuntamente com uma ampla gama de fatores, do pensamento saueriano. Em suma, Kenzer (1985) acredita que a influência de Kroeber no pensamento e obra de Sauer é superestimada.

Um dos aspectos bastante criticado na abordagem saueriana é o excessivo foco na avaliação de artefatos, o que reforçaria a preocupação com a cultura material (DEMERITT, 1994). Em defesa de Sauer, Marie Price e Martin Lewis (1993a) avaliam que muitas das críticas que são feitas à sua obra seriam replicações estereotipadas de raciocínios mal formulados. Além disso, acusaram um grupo de autores identificados com a nova geografia cultural de replicarem o que seriam críticas injustas que maximizam a importância que Sauer de fato dava à cultura material.

Price e Lewis alegam que autores da nova geografia cultural especificamente argumentam que os intelectuais de Berkeley focam seus estudos nos artefatos materiais, exibindo um curioso e antiquado fetichismo sobre itens como casas, cercas e postos de gasolina. “Gregory e Ley, especificamente foram mais longe ao dizer que a geografia cultural marcada pela obsessão pelos objetos era um pouco mais do que uma celebração paroquial e contemplação do bizarro” (PRICE; LEWIS, 1993a, p. 3). Continuando na linha de defesa da escola de Berkeley, os autores apresentaram estatísticas que mostram que a abordagem de artefatos materiais pelos pesquisadores de Berkeley é desprezível. Destacam ainda que “Sauer nunca limitou o termo artefato a objetos concretos. Pelo contrário, ele via toda modificação humana na paisagem como um artefato” (PRICE; LEWIS, 1993a, p. 6).

Duncan (1993) discorda de Price e Lewis ao indicar que a avaliação de artefatos materiais pode ser apontada como uma marca característica de Berkeley. Price e Lewis (1993b) ainda treplicaram a réplica de Duncan, fazendo-nos entender que não há consenso sobre o exagero da escola de Berkeley ao que se refere à abordagem dos artefatos materiais. Por de trás desta discussão, existem sérias repercussões teóricas. Como lembra Claval (2001), o apego pela abordagem material da cultura passou a ser entendido como superado pelos geógrafos culturais, pois o avanço da modernização e padronização técnica em escala global teria eliminado as particularidades materiais, criando constrangimentos sérios aos estudos das geografias vernaculares.

Price e Lewis (1993a) consideram injusta a fácil associação entre a abordagem de Sauer e da escola de Berkeley com a ideia de superorgânico. Comumente os críticos à abordagem saueriana chamam-na de tradicional geografia cultural, que, em oposição ao novo rótulo (nova geografia cultural), transmitiria emblematicamente a ideia de algo antigo e superado²⁰ (SILVA, 2020c). Tentando compreender a razão das supostas falhas analíticas dos críticos de Sauer, Price e Lewis (1993a) consideram que o entendimento sobre a obra de Sauer diminuiu ao longo do tempo e apresentam uma hipótese para explicar: “uma possibilidade é o fato de uma tradição muito bem consolidada não precisar de suporte” (PRICE; LEWIS, 1993a, p. 5). Em um contra-ataque dos críticos a Sauer, Lily Kong (1997) argumenta que Price e Lewis deixam de informar o que

²⁰ Schein (1997) destacou que o debate da geografia cultural contemporânea envolve a oposição entre a “velha” e a “nova” geografia cultural, num embate que chamou de guerras civis envolvendo os autores. Utilizou esta alusão justamente ao se referir à repercussão do texto de Price e Lewis (1993a).

exatamente está contido na chamada “tradicional geografia cultural”, o que seria importante para avaliarmos se a defesa à tradição saueriana é de fato justa.

Os autores citados por Price e Lewis reagiram às críticas que receberam, publicando respostas no prestigioso periódico *Annals of the Association of American Geographers*. Cosgrove (1993) argumenta que Price e Lewis (1993a) vislumbraram de forma equivocada a existência de uma conspiração de intelectuais lançando qualidades impróprias à tradicional geografia cultural. Destacou que rejeita os rótulos e não se vê como um representante da nova geografia cultural. Cosgrove insiste em apontar o foco de Sauer na cultura material, vendo esta abordagem como superada, já que “a recente virada cultural nas ciências sociais e humanidades nos ensinou que a natureza é por si só uma construção cultural” (COSGROVE, 1993, p. 516). Consideramos que, neste particular, as diferenças na compreensão e amplitude do significado da palavra artefato podem levar os intérpretes aos problemas de comunicação. É irônico pensar que a virada cultural se caracterizou, *inter alia*, pela preocupação quanto aos significados, principalmente se levarmos em conta que a discussão ocorreu sobre o prisma de sua influência nas humanidades (SILVA, 2020c).

Cosgrove apresentou-se como alguém disposto a quebrar paradigmas da interpretação paisagística focada na materialidade e via a escola saueriana como um bastião daquilo que se opunha. Em suas palavras, tinha a intenção de

propor estudos paisagísticos especialmente na Geografia dentro do que pareciam ser as novas orientações: situar a interpretação da paisagem dentro de uma historiografia crítica, teorizando a ideia de paisagem no interior da compreensão marxista da cultura e da sociedade e, assim, estender a abordagem da paisagem para além de uma estreita e predominante linha interpretativa centrada no design e gostos estéticos (COSGROVE, 1998, p. xiii).

Duncan (1993) reafirma a influência do superorgânico na geografia cultural de Sauer, argumentando que Price e Lewis (1993a) entram em contradição em todos os três principais pontos de sua crítica²¹. Peter Jackson (1993), por sua vez, foca na crítica quanto ao método: acusa Price e

²¹ Os três pontos da crítica de Price e Lewis (1993a) sobre a discussão da influência do superorgânico na obra saueriana são: (1) A discordância de que Sauer considerara em sua análise a cultura em detrimento dos indivíduos; (2) A rejeição da hipótese de Duncan acerca do emprego da teoria do condicionamento clássico (ou teoria Plavoviana) por parte de Sauer; (3) A alegação de que o superorgânico não poderia ser usado por Sauer, pois o mesmo era muito cético em relação às abstrações sócio-científicas, e que nem mesmo Alfred Kroeber, o elaborador da tese do superorgânico, havia aceitado os seus pressupostos plenamente (DUNCAN, 1993, p. 518).

Lewis (1993a) de imaginar rótulos antagônicos da geografia cultural, colaborando mais para o estranhamento das diferenças entre os geógrafos do que para propor um debate construtivo. Reforça que as diferenças existentes entre os autores identificados com a nova geografia cultural são suficientemente expressivas para que não sejam colocados sobre a égide de uma mesma caracterização. Jackson (1993) alega que nunca defendeu a supremacia de uma escola de pensamento sobre outra e que o próprio Sauer era um advogado da interdisciplinaridade, condenando qualquer tentativa de restrição da pesquisa científica dentro de limites de certos paradigmas (SILVA, 2020c).

Para além destes debates vigorosos, destacamos uma dupla face de Sauer: se por um lado rompe com o positivismo por meio de sua abordagem, por outro, reifica a cultura, mostrando que essas características (o positivismo e a reificação da cultura) não são absolutamente congruentes. Acreditamos que este é um ponto muito importante para a compreensão sobre as discordâncias acerca do seu legado. Hoefle (2008) – concordando parcialmente com Price e Lewis – faz coro a crítica sobre Duncan (1980): critica a associação feita por Duncan entre Sauer e Kroeber, que, por sinal, é vastamente consolidada no imaginário da geografia cultural. Hoefle (2008) argumenta que o estigma de determinista ambiental que recai sobre Kroeber é exagerado, destacando que há um generalizado entendimento impreciso acerca do título da obra *O Superorgânico*. O prefixo “super” no sentido empregado por Kroeber (1917) significa “além” e não uma valorização do orgânico (SILVA, 2020c). Para Kroeber, o orgânico representa as características hereditárias entre gerações e que interferem na forma em que vemos a cultura, sem que, contudo, definam-na. Hoefle (2008) defende que a abordagem de Kroeber é um ponto de inflexão à tradição da antropologia evolucionista do século XIX. No texto de Kroeber percebe-se, contudo, muitas analogias com a biologia e com a evolução, o que poderia fazer com que uma leitura apressada e desatenta pudessemos levar a julgar um falso determinismo ambiental. Consideramos que no texto de Kroeber, assim como em determinados textos de Sauer, é possível verificar o vício da abordagem reificada da cultura, como é de se supor no *zeitgeist* acadêmico da aurora do século XX. É importante observar que declarar a cultura como dinâmica não significa escapar de uma abordagem reificada. Afinal, reificações podem evoluir para outras reificações (SILVA, 2020c).

6 AS NOVAS TRAJETÓRIAS CULTURAIS NA GEOGRAFIA PÓS-OCASO DE BERKELEY

É importante destacar que as novas abordagens culturais – que no âmbito da geografia romperam com certos paradigmas da escola de Berkeley – perpassaram além dos limites da disciplina. As críticas quanto à abordagem saueriana buscam o preenchimento de duas lacunas: a problematização da cultura segundo os pressupostos fenomenológicos e as considerações sociais. Trata-se de um fato curioso a consideração de Claval (2003) acerca da geografia cultural francesa: segundo o autor, até metade da década de 1970, a corrente geográfica era marcada por um interesse maior por parte dos pesquisadores pelos aspectos materiais da cultura, negligenciando o campo das representações. Não há como desvincular o movimento de crescimento das abordagens representacionais da cultura com o contexto mais amplo e interdisciplinar que ficou conhecido como virada cultural.

É no humanismo que floresce a abordagem fenomenológica na geografia. Anne Buttimer ressalta a importância da abordagem humanista: “para cada interpretação geográfica da terra habitada teremos premissas implícitas sobre a natureza da condição humana” (BUTTIMER, 2008, p. 105). Talvez por esta razão, abordagens de vieses humanistas antecederam muito o rótulo que estampou autores que passaram a ser identificados com esta corrente na segunda metade do século XX. Assim como ocorreu com as novas abordagens da geografia que se multiplicaram na passagem dos anos 1960 e 1970, a abordagem humanista é vista como uma reação contra o que acreditavam ser uma visão extremamente objetiva, estreita, mecanicista e determinista do homem aplicada aos estudos das ciências humanas (ENTRIKIN, 1976; COSGROVE, 1978). Holzer (1997) acrescenta que, como contexto do surgimento da geografia humanista, deve ser levado em conta o movimento intelectual do final dos anos sessenta, a saber: o movimento hippie, a fervura política estudantil e do questionamento feroz dos padrões culturais e políticos instituídos.

A geografia humanista que buscar focar na investigação da experiência humana se apoia na fenomenologia, que, por sua vez, rejeita impetuosamente o cartesianismo dualista expresso pela dicotomia mente versus matéria. Ao fazê-lo, a fenomenologia ataca premissas e métodos das ciências naturais, afinal, crê que na dimensão positivista “o mundo vivido infinitamente rico que liga a existência humana a uma variedade de atitudes é reduzido a um pobre sistema de significados

ditados pelas convicções de um cientista” (RELPH, 1970, p. 195). Essa discussão é pobremente explorada na abordagem saueriana.

Para além da geografia humanista, correntes como o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo e o pós-modernismo atacam a reificação da cultura, marcante na tradição de Berkeley. Além de pregar o dinamismo, a porosidade e o hibridismo cultural (SAÏD, 2007; EAGLETON, 2011), há a defesa de métodos que privilegiam as identidades em detrimento da coletividade (COHEN, 1993), sob as escusas da intangibilidade cultural (SILVA; COSTA, 2018a; SILVA; COSTA, 2018b; SILVA; COSTA, 2020). A partir desta perspectiva, a abordagem saueriana apresenta-se totalizante, defensora de um corpo coletivo miticamente homogêneo e tangível, delimitável espacialmente. É o que incentiva a crítica de Don Mitchell (1995) às abordagens culturais que tanto repercutiu no ambiente acadêmico, incentivando intenso debate (DUNCAN; DUNCAN, 1996; JACKSON, 1996; COSGROVE, 1996; MITCHELL, 1996).

Todavia, alguns geógrafos consideram que a virada cultural fez com que as relações sociais amparadas pelas normas, códigos de comportamento, sentimentos e valores morais ficassem legadas a um segundo plano (JACKSON, 1997). Foi marcada também pela crença de que o debate cultural é o *locus* privilegiado do anúncio das inadequações das formas marxistas de explicação social. Para Barnett (2004), os argumentos identificados com a virada cultural são fortemente dependentes da crítica pós-modernista acerca das epistemologias totalizantes e essencialistas, das quais o marxismo – taxado de economicista, reducionista, determinista e baseado em classes – é um suspeito primário. Por outro lado, é comumente dito que a virada cultural marginalizou a geografia social e perdeu consistência política²² (VALENTINE, 2001), percepção que pode ter fomentado a guinada em direção à abordagem social dos anos 1980.

A nova geografia cultural surge no espaço destas críticas e ganhou força nos anos 1980 a partir das publicações de autores como Jackson, Cosgrove e Duncan. Desvinculou-se da preocupação da constituição das identidades, centrando-se no entendimento da produção simbólica e em seu papel em ordenar o espaço. Em contraste com a tradicional geografia cultural americana que se tornou alvo de suas críticas, a nova geografia cultural “estava fortemente ligada à sociologia

²² A dita geografia cultural tradicional também sofreu críticas similares àquelas que foram observadas na virada cultural. Geógrafos sociais, sobretudo na Alemanha, classificaram o período morfológico que tem em Otto Schlüter e Sauer expoentes como um momento estéril, que representou em “verdadeiro empecilho para o desenvolvimento da Geografia Social” (SEEMANN, 2004, p. 73).

e à geografia britânica e apresentando-se profundamente preocupada com as questões ligadas ao espaço, relações de poder e a diversidade cultural das práticas cotidianas” (SCOTT, 2004, p. 24).

Para Tim Cresswell (2010), a nova geografia cultural, que teve “o seu chamado à guerra” (*call to arms*) em meados da década de 1980, trata-se de um projeto inacabado. Este status não é explicado por alguma deficiência teórica em seus pressupostos, mas pelo fato do mundo ser marcado pelas desigualdades e injustiças e ainda existir o motivo da academia ser o espaço de denúncia e se constituir como ferramenta de conscientização, numa crítica que nos faz lembrar da icônica obra de Yves Lacoste (2005). Quanto utiliza a palavra injustiça, Cresswell refere-se “ao tipo que envolve a sistemática assimetria de arranjo de poder que permitem a ocorrência da opressão e exploração” (CRESSWELL, 2010, p. 172). No interior deste movimento cultural mais voltado ao social, a tradicional abordagem saueriana também se via relegada a um segundo plano, visto que a abordagem cultural de Berkeley era considerada socialmente estéril ou fracamente engajada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da reação ao neopositivismo, a abordagem cultural em geografia se fragmentou. Para além dos rótulos estereotipados das correntes de pensamento, notou-se abordagens de viés fortemente fenomenológico e desconstrucionistas e, também, em outro extremo, abordagens que ainda prezavam pela materialidade das narrativas geográficas, desde que o social protagonizasse um lugar central na reflexão. Claramente, entre estes extremos, formas híbridas de pensamento se desenvolveram, além da própria discussão envolvendo a opção plebiscitária entre o materialismo e o idealismo ter sido rejeitada por alguns teóricos que se apropriaram de uma dialética trajetiva (BERQUE, 2012; BERQUE, 2017) como forma de transcender a limitação de pensamento.

Entretanto, tanto as investidas que transcendem a materialidade e que focam nas identidades quanto às abordagens com foco no social particularmente propõem rompimento com a tradição saueriana, caracterizada pela reificação cultural e pela esterilidade da abordagem social. Nesse sentido, a virada cultural, que abrigou a inflexão dos estudos culturais na geografia, representou o ocaso de Berkeley. Sabe-se, todavia, que o legado da escola de Berkeley é inestimável; suas

proposições, ainda que atacadas impetuosamente a partir dos anos 1970 e principalmente nos anos 1980, serviram como base para o desenvolvimento de uma geografia cultural renovada, que se apropriou do desconforto dos geógrafos envolvidos na temática para o estabelecimento de um campo de investigação diversificado e dotado de pressupostos que são, muitas vezes, diversificados.

Sabe-se, todavia, que a resposta ao suposto foco excessivo de Sauer na cultura material não é o idealismo extremado. Consideramos que os anos 1980 mostraram avanços importantes para a discussão cultural: a nova geografia cultural conseguiu avançar na intermediação entre o materialismo e o idealismo ao discutir as relações entre o simbolismo e a materialidade mundana. Na mesma década, a teoria ator-rede apresentou-se como um embrião do arcabouço teórico das teorias não-representacionais, que apresentam discussão incipiente no Brasil apesar de já possuírem pelo menos duas décadas de debate nas geografias anglófonas transatlânticas. Sobre a mesa da investigação científica apresentam-se como desafios a rejeição da exclusividade da materialidade sem que ocorra a negligência frente aos aspectos sócio-políticos, além da proposição de uma congruência cada vez maior de uma geografia cartesiana-euclidiana para uma geografia relacional e topológica.

8 REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. Literaturas de explorações e aventuras: As “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. In: **Sociedade e Natureza**, v.20, n.2, p. 107-119, 2008.

BAKER, A. R. H. Historical Geography: a new beginning? **Progress in Human Geography**, v.3, i.4, p. 560-570, December, 1979.

BARNETT, C. A critique of cultural turn (in): DUNCAN, J. S.; JOHNSON, N. C.; SCHEIN, R. H. **A companion to cultural geography**. Malden: Blackwell Publishing ltd, 2004.

BERDOULAY, V. **A escola francesa de geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BERQUE, A. Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos. **Geograficidade**, v.2, n.1, p. 4-12, 2012.

- BERQUE, A. A cosmofania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v.7, n.2, p. 4-16, 2017.
- BLAUT, J. M. A Radical Critique of Cultural Geography. **Antipode**, v.12, i.2, p. 25-29, 1980.
- BRYAN, P. W. The cultural landscape. **Geography**, v.16, n.4, p. 273-284, 1931.
- BRYAN, P.W. Geography and Landscape: Address to the Geographical Association. **Geography**, v.43, n.1, p. 1-9, 1958.
- BURTON, I. The Quantitative Revolution and Theoretical Geography. **The Canadian Geographer**, v.22, i.4, p. 151-162, 1963.
- BUTTNER, A. Humanism and relevance in geography. **Scottish Geographical Journal**, v.115, n.2, p. 103-116, 2008.
- CAPEL, H. Neopositivismo e Geografia Quantitativa. In: CAPEL, H. **Ruptura e continuidade no pensamento geográfico**. Maringá: EDUEM, 2013.
- CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. **Geographia**, v.1, n.2, p. 7-26, 1999.
- CLAVAL, P. The cultural approach and geography – the perspective of communication. **Norsk Geografisk Tidsskrift – Norwegian Journal of Geography**, v.55, n.3, p. 126-137, 2001.
- CLAVAL, P. A evolução recente da geografia cultural de língua francesa. **Geosul**, v.18, n.35, p. 7-26, 2003.
- COHEN, A. P. Culture as identity: An Anthropologist's view. **New Literary History**, v.24, p. 195-209, 1993.
- CORREIA, R. L. **Sobre a geografia cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Correia%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Sobre Carl Sauer: uma introdução. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

COSGROVE, D.. Place, landscape, and the dialectics of cultural geography. **The Canadian Geographer**, v.XXII, n. 1, p.66-72, 1978.

COSGROVE, D. Towards a radical cultural geography: problems of theory. **Antipode**, v.5, i.1, p.1-11, 1983.

COSGROVE, D. Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea. **Transactions of the Institute of British Geographers**, new Series, v.10, n.1, p. 45-62, 1985.

COSGROVE, D. On “the reinvention of Cultural Geography” by Price and Lewis. *Annals of the Association of American Geographers*, v.83, n.3, p. 515-517, 1993.

COSGROVE, D. **Ideas and culture: a response to Mitchell**. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v.21, p.574-575, 1996.

COSGROVE, D. **Social Formation and symbolic landscape**. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.

COSGROVE, D; JACKSON, P. New Directions in Cultural Geography. **Area**, v.19, n.2, p. 95-101, 1987.

CRESSWELL, T. New cultural geography – an unfinished project? **Cultural geographies**, v.17, n.2, p. 169-174, 2010.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEMERRITT, D. Ecology, objectivity and critique in writings on nature and human societies. **Journal of Historical Geography**, v.20, n.1, p. 22-37, 1994.

DENEVAN, W. M.; Mathewson, K. **Carl Sauer on culture and landscape: readings and commentaries**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2009.

DINIZ, A. M. A. et. al. A paisagem geográfica de Lavras Novas, ouro Preto: uma apologia à “Morfologia da Paisagem” de Carl O. Sauer. **Cadernos de Geografia**, v.13, n.20, p. 74-88, 2003.

DUNCAN, J. **The superorganic in american cultural geography**. Annals of the Association of American Geographers, v.70, n. 2, p. 181-198, 1980.

DUNCAN, J. **Commentary**. Annals of the Association of American Geographers, v.83, n.3, p. 517-519, 1993.

DUNCAN, J.; DUNCAN, N. Reconceptualizing the Idea of Culture in Geography: A Reply to Don Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**. New Series, v.21, n.3, p.576-579, 1996.

EAGLETON, T. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ENTRIKIN, J. N. **Contemporary Humanism in Geography**. Annals of the Association of American Geographers, v.66, n.4, p. 615-632, 1976.

GADE, D. Carl Sauer e a força da curiosidade nas pesquisas geográficas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

GARRISON, W. L. Some Confusing Aspects of Common Measurements. **Professional Geographer**, v.8, p. 4-5, 1956.

GREGSON, N. Beyond boundaries: the shifting sands of social geography. **Progress in Human Geography**, v.16, n.3, p. 387-392, 1992.

GROSSBERG, L. The Circulation of Cultural Studies. **Review and Criticism**, v.6, n.4, p. 413-421, 1989.

GUELKE, L. Problems of scientific explanation in geography. **The Canadian Geographer**, v.15, n.1, p. 38-53, 1971.

HAESBAERT, R. **Regional-Global**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart - Sovik, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2013.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec Edusp, 1978.

HARVEY, D. **Explanation in Geography**. Bristol: Edward Arnold, 1986.

HEWES, L. Carl Sauer: a personal view. **Journal of Geography**, v.82, n.4, p. 140-147, 1983.

HOEFLE, S. W. Debates recentes na geografia Cultural anglo-americana: uma apreciação antropológica e filosófica. **Espaço e Cultura**, Edição comemorativa, p. 123-135, 2008.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro, Ano II, n. 3, p.77-85, 1997.

JACKSON, P. A Plea for Cultural Geography. **Area**, v.12, n.2, p.110-113, 1980.

JACKSON, P. **Berkeley and Beyond: Broadening the Horizons of Cultural Geography**. Annals of the Association of American Geographers, v.83, n.3, p.519-520, 1993.

JACKSON, P. **The idea of culture: a response to Don Mitchell**. Transactions of the Institute of British Geographers, v.21, p.572-573, 1996.

JACKSON, P. Geography and the cultural turn. **Scottish Geographical Magazine**. v.113, n.3, p.186-188, 1997.

JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos**. São Paulo: Difel, 1986.

KENZER, M. S. **Milieu and the “Intellectual Landscape”**: Carl O. Sauer’s Undergraduate Heritage. Annals of the Association of American Geographers, v.75, n.2, p.258-270, 1985.

KERSTEN, E. W. Sauer and “Geographical Influences”. **Yearbook of the Association of Pacific Coast Geographers**, v.44, p. 47-72, 1982.

KONG, L. L. L. A “new” cultural geography? Debates about invention and reinvention. **Scottish Geographical Magazine**, v.113, n.3, p. 177-185, 1997.

KROEBER, A. The superorganic. **American Anthropologist**, v.19, n.2, april-june, 1917.

LACOSTE, Y. **A geografia – isso serve, antes de tudo, para fazer a guerra**. Campinas: Papyrus, 2005.

LEY, D. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.5, i.2, p. 249-257, 1981.

MAY, J. A. Algumas Observações sobre a filosofia implícita de Carl Sauer. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

MIKESELL, M. W. **Tradition and innovation in cultural geography**. Annals of the Association of American Geographers, v.68, n.1, p. 1-16, 1978.

MITCHELL, D. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, New Series, v.20, n.1, p. 102-116, 1995.

MITCHELL, D. Explanation in Cultural Geography: A Reply to Cosgrove, Jackson and the Duncans. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.21, n.3, p. 580-582, 1996.

MUIR, R. Reading the landscape, rejecting the present. **Landscape Research**, v.23, n.1, p. 71-82, 1998.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **Geotextos**, v.6, n.2, p. 163-186, dez. 2010.

NORTON, W. Humans, land, and landscape: a proposal for cultural geography. **The Canadian Geographer**, v.31, n.1, p. 21-30, 1987.

OAKES, T. **Place and the Paradox of Modernity**. Annals of the Association of American Geographers, v.87, n.3, p. 509-531, 1997.

- PEET, R. Relações Sociais: a dimensão ausente na teorização de Carl Sauer. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.
- PENN, M.; LUKERMANN, F.. Corologia e paisagem: uma leitura internalista de “A Morfologia da Paisagem”. (in): CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.
- PRICE, M.; LEWIS, M.. **The Reinvention of Cultural Geography**. Annals of the Association of American Geographers, v.83, n.1, p. 1-17, 1993a.
- PRICE, M.; LEWIS, M. Reply: **On Reading Cultural Geography**. Annals of the Association of American Geographers, v.83, n.3, p. 520-522, 1993b.
- RELPH, E. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **The Canadian Geographer**, v.14, i.3, p. 193-201, 1970.
- SAÏD, E. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SAÏD, E. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SASAKI, K. A contribuição da Geografia Humanística para a compreensão do conceito de identidade do lugar. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, ano XIII, n.22, p. 112-120, 2010.
- SAUER, C. The personality of Mexico. **The geographical Review**, v.31, n.3, 1941.
- SAUER, C. **The fourth dimension of Geography**. Washington: Annals of the Association of American Geographers, v.64, n.2, 1974.
- SAUER, C. The morphology of landscape. In: OAKES, T. S; PRICE, P. L. (Eds). **The Cultural Geography Reader**. New York: Routledge, 2008.

SCHAEFER, F. K. **Excepcionalism in Geography: A methodological examination.** Annals of the association of American geographers, v.43, number 3, p. 226-249, 1953.

SCHEIN, R. H. **The Place of landscape: A Conceptual Framework for interpreting an American Scene.** Annals of the Association of American Geographers, v.87, n.4, p.660-680, 1997.

SCOTT, H. Cultural Turns. In: DUNCAN, J. S.; JOHNSON, N. C.; SCHEIN, R. H. **A companion to cultural geography.** Malden: Blackwell Publishing ltd, 2004.

SEEMANN, J. A morfologia da paisagem cultural de Otto Schlüter: marcas visíveis da Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, UERJ, n.17-18, p. 65-76, 2004.

SEEMANN, J. A morfologia da paisagem cultural de Otto Schlüter: marcas visíveis da Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, UERJ, n.17-18, p. 65-76, 2004.

SILVA, L. L. S. da. A geografia entre a materialidade e a imaterialidade. **Geotemas**, v.10, n.2, p. 25-47, 2020a.

SILVA, L. L. S. da. Os segredos da paisagem. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, v.22, n.2, p. 133-151, 2020b.

SILVA, L. L. S. da. A encruzilhada da abordagem cultural na geografia. **Caderno de Geografia**, v.30, n.63, p. 1132-1153, 2020c.

SILVA, L. L. S. da.; COSTA, A. A inadequação das regionalizações culturais mediante os pressupostos do pós-colonialismo. **Geotextos**, Salvador, v.14, n.1, p. 225-247, 2018a.

SILVA, L. L. S. da.; COSTA, A. Cultura como comunidade imaginada: uma crítica à abordagem ontológica da cultura nos estudos geográficos. **Geografias**, v.16, n.1, p. 27-41, 2018b.

SILVA, L. L. S. da.; COSTA, A. Questionando as delimitações cartográficas da cultura. **Caminhos de Geografia**, v.21, n.73, p. 445-457, 2020.

SIVIGNON, M. Sobre a Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, UERJ, n.14, p. 33-39, jul-dez, 2002.

SMITH, N. Geography, Science and post-positivist modes of explanation. **Progress in Human Geography**, v.3, i.3, p. 356-383, 1979.

SPETH, W. W. Historicismo: a visão disciplinaria de mundo de Carl Sauer. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

STEWART, J. Q. Empirical Mathematical Rules concerning the Distribution and Equilibrium of Population. **Geographical Review**, v.37, n.3, p. 461-485, 1947.

STRACHULSKI, J. O percurso do conceito de paisagem na ciência geográfica e perspectivas atuais. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais**, v.4, n.2, p. 3-33, 2015.

VALENTINE, G. Whatever happened to the social? Reflections on the “cultural turn” in British Human Geography. **Norwegian Journal of Geography**, v.55, p. 166-172, 2001.

VALLAUX, C. The Maritime and Rural Life of Norway. **Geographical Review**, v.14, n.4, p. 505-518, 1924.

WRIGHT, J. K. Terrae Incognitae: O lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v.4, n.2, p. 4-18, 2014.

Data de recebimento: 23 de março de 2021.

Data de aceite: 06 de maio de 2022.